

OLGA, UMA NARRATIVA QUE PERMITE O ENTRECruzAMENTO DE HISTÓRIA E LITERATURA POR MEIO DO FAZER CRER, SABER E SENTIR

Márcia Rohr Welter¹

RESUMO: A obra *Olga*, de Fernando Morais, possui o intuito de contar a história de vida de Olga Benario, a esposa judia e comunista de Luís Carlos Prestes que esteve no Brasil para auxiliar em uma revolução socialista. No processo narrativo, ocorre o entrecruzamento de história e literatura que se revela um campo fecundo para uma investigação interdisciplinar. Desse modo, o presente trabalho visa a analisar, a partir da revisão bibliográfica e de um procedimento indutivo, os dados externos da situação de comunicação realizando relações com o procedimento de reconstrução do passado desempenhado pelos historiadores e com as características do fazer literário. Para isso, utilizam-se perspectivas teóricas de Patrick Charaudeau (2006; 2012), sobre o ato de comunicação; de Keith Jenkins (2009), sobre o ofício do historiador; de Mary Del Priore (2009), sobre a biografia; e de Paul Ricoeur (1997), sobre o *tremendum horrendum*. Nesse percurso, foi possível perceber que se destacam, na narrativa, as visadas informativa e de *páthos*, da condição de finalidade da situação de comunicação, pois favorecem, respectivamente, a ligação entre história e literatura e a exposição do horror.

PALAVRA-CHAVE: *Olga*; Fernando Morais; História; Literatura.

ABSTRACT: The book *Olga*, by Fernando Morais, intends telling the life story of Olga Benario, the Jewish and communist wife of Luís Carlos Prestes who was in Brazil to assist on a socialist revolution. In the narrative process, the intertwining of history and literature happens which reveals a fertile soil for interdisciplinary investigation. Thus, the purpose of this paper is to analyze, through a literature review and an inductive process, the external data of the communicative situations correlating it with the reconstruction of the past procedure undertaken by historians and with the characteristics of the literary writing. To achieve that, the theoretical perspective of Patrick Charaudeau (2006; 2012), about the communication act; of Keith Jenkins (2009), about the historian craft; of Mary Del Priore (2009), about biographies; and of Paul Ricoeur (1997), about *tramendum horrendum* are used. In this process, it was possible to notice that, in the narrative, the informative and *páthos* views, of the condition of purpose of the communicative situation, are emphasized, since they favor, respectively, the connection between history and literature and the exposure of horror.

KEYWORDS: *Olga*; Fernando Morais; History; Literature.

Introdução

Olga, narrativa escrita por Fernando Morais, conta a história de Olga Benario. A narrativa se inicia pela ação ousada realizada em Berlim em abril de 1928 por Olga e outros jovens da Juventude Comunista para soltar um membro do partido. Inicialmente, a atenção do leitor é voltada para uma personagem feminina corajosa e marcante e, só após a conclusão do “assalto”, é informado de que a jovem destemida é a personagem homônima da narrativa.

¹ Mestranda em Processos e Manifestações Culturais, na Universidade Feevale, bolsista PROSUC/CAPES. Graduada em Letras, pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. E-mail para contato: marcia_r_welter@hotmail.com

Envolvida desde muito jovem com o movimento comunista, Olga traça uma brilhante carreira no partido, indo, inclusive, realizar treinamento militar na URSS, onde recebe a incumbência de proteger Luís Carlos Prestes, designado a realizar a revolução socialista no Brasil. No caminho para a América Latina, o envolvimento entre os dois ultrapassa as fronteiras do profissionalismo e torna-se uma relação amorosa.

No Brasil, a revolução mostra-se um completo fracasso e culmina com a prisão de membros envolvidos diretamente com a liderança do movimento e simpatizantes do marxismo. Quando a polícia finalmente captura Olga e Prestes, ela o protege valendo-se do próprio corpo, demonstrando mais uma vez a sua coragem. Na prisão, Olga descobre estar grávida e enfrenta um processo de deportação, que acaba por enviar uma mulher judia e comunista de volta à Alemanha nazista.

Então, em uma cadeia alemã, Olga dá à luz a Anita Leocádia que, após um ano e alguns meses, é retirada de seus braços. Por muito tempo, Olga não soube que a filha fora entregue aos cuidados de sua sogra. Na sequência, ela é transferida para um campo de concentração, onde, por fim, é enviada para uma câmara de gás, sendo assassinada como milhares de outras pessoas pelo regime de Adolf Hitler.

A partir dessa narrativa elaborada por Fernando Morais, desenvolve-se um percurso de investigação interdisciplinar que mescla perspectivas relacionadas às áreas da comunicação, história e literatura. Para isso, utiliza-se um procedimento de revisão bibliográfica e de natureza indutiva que, conforme Maria de Andrade Marconi e Eva Maria Lakatos (2017, p. 82), “[...] é um processo mental por intermédio do qual, partindo de dados particulares, suficientemente constatados, infere-se uma verdade geral ou universal”. Desse modo, o artigo encontra-se dividido em duas partes, uma em que constam as perspectivas teóricas relacionadas ao ato de comunicação, ao fazer do historiador e ao entrecruzamento de história e de literatura, e outra em que são aplicados os conceitos dessas teorias à análise da obra.

Perspectivas teóricas para uma análise interdisciplinar

Todo ato de linguagem envolve sujeitos de fala (CHARAUDEAU, 2012). Nessa atividade, tem-se um EUc (sujeito comunicante), que produz um ato de linguagem, e um TUi (sujeito interpretante), que é o receptor desse ato (CHARAUDEAU, 2012). Esses dois seres sociais desdobram-se em seres de fala, um EUE (enunciador), que corresponde à imagem

formulada pelo TUi do locutor, e TUD (destinatário), que é construído como um receptor ideal pelo Euc (CHARAUDEAU, 2012).

Para que essas trocas sejam concretizadas com sucesso, os indivíduos devem considerar os dados da situação de comunicação (CHARAUDEAU, 2006). Os dados envolvidos numa situação de comunicação são de dois tipos, externos e internos (CHARAUDEAU, 2006) – no presente trabalho serão enfocadas apenas os dados externos.

Os dados externos são considerados não languageiros e correspondem a quatro condições da enunciação da produção do ato de linguagem: condição de identidade, que é a resposta à pergunta “quem fala a quem?”; condição de propósito, que corresponde à pergunta “do que se trata?”; condição de dispositivo, que são as respostas a “em que ambiente se inscreve o ato de comunicação, que lugares físicos são ocupados pelos parceiros, que canal de transmissão é utilizado?”; e condição de finalidade que deve possibilitar responder a pergunta “estamos aqui para dizer o quê?” (CHARAUDEAU, 2006).

A resposta a essa pergunta, consoante Charaudeau (2006), ocorre por meio de “visadas” que são classificadas em quatro tipos. A visada prescritiva consiste em “fazer fazer”, ou seja, induzir um outro a agir de um determinado modo; a informativa tem por objetivo “fazer saber”, transmitir um conhecimento a alguém que se pressupõe não sabê-lo; a visada incitativa corresponde a “fazer crer”, “querer levar o outro a pensar que o que está sendo dito é verdadeiro (ou possivelmente verdadeiro)” (CHARAUDEAU, 2006, p. 69); e, por fim, a visada do tipo *páthos* acarreta no “fazer sentir”, “ou seja provocar no outro um estado emocional agradável ou desagradável” (CHARAUDEAU, 2006, p. 69).

A história, concebida como um entre vários dos discursos disponíveis sobre o mundo, por Keith Jenkins (2009), também se configura como uma situação de comunicação, na medida em que é elaborada por um locutor e dirigida a um destinatário com o intuito de comunicar algo. Os historiadores, sujeitos comunicantes, trazem o passado de volta por meio de vestígios como livros, artigos, documentos, etc., interpretando e reconstruindo o que aconteceu (JENKINS, 2009). Assim, a história se apresenta, conforme Jenkins (2009, p. 26) como um “constructo linguístico intertextual”, pois o historiador sempre terá de interpretar, o que não é um ato livre de condicionamentos.

Isso implica que não existe apenas uma interpretação do que aconteceu, ou seja, “o mesmo objeto de investigação é passível de diferentes interpretações por diferentes discursos”

(JENKINS, 2009, p. 27). Essa condição, conforme Jenkins (2009, p. 28), não quer dizer que os historiadores inventam as histórias sobre o passado,

[...] mas sim que a afirmação é muito mais forte: que o mundo ou o passado sempre nos chegam como narrativas e que não podemos sair dessas narrativas para verificar se correspondem ao mundo ou ao passado reais, pois elas constituem a ‘realidade’.

Nesse processo de reconstrução, o historiador nunca consegue trazer à tona o passado exatamente como ele aconteceu, o que implica que não existe uma verdade absoluta (JENKINS, 2009). Essas questões apontam para o fato de que a história é sempre “um constructo pessoal uma manifestação da perspectiva do historiador como ‘narrador’” (JENKINS, 2009, p. 32).

Em vista disso, um espaço que se configura interessante para a manifestação das perspectivas do historiador é a biografia em que, conforme Mary Del Priore (2009), é lançada uma luz para a história de dois modos diferentes

Um explícito, pela iniciativa voluntária do observador que propõe uma análise da sociedade na qual o personagem está inscrito. O outro, implícito, avaliado no percurso do personagem que ilustra, por sua vez, as tensões, conflitos e contradições de um tempo, todos essenciais para a compreensão do período. Neste caso, o indivíduo encarna, ele mesmo, tais tensões (PRIORE, 2009, p. 11).

Assim, o historiador reconstitui o passado, “mas ao fazê-lo, ele tenta imaginá-las [as coisas do passado] como se as tivesse visto. Há aí um cruzamento perigoso, mas real, com a imaginação literária” (PRIORE, 2009, p. 11). Isso demonstra que não é possível contar e analisar algo que aconteceu sem a ajuda da narrativa (PRIORE, 2009).

Ou seja, como a literatura, a história é, também, um processo vivo de produção, circulação e consumo de discursos. Como o romance, a história conta. E contando, ela explica. Como o romance, a história escolhe, seleciona, simplifica, organiza, reduz um século a uma página (PRIORE, 2009, p. 14).

Esse entrecruzamento entre a história e a literatura é definido, conforme Paul Ricoeur (1997, p. 316), como “a estrutura fundamental, tanto ontológica quanto epistemológica, em virtude da qual a história e a ficção só concretizam cada uma sua respectiva intencionalidade tomando empréstimos da intencionalidade da outra”.

A biografia, então, pela relação de proximidade entre história e ficção, permite a exposição do *tremendum horrendum*, elaborado por Ricoeur (1997). “O horror é o negativo da admiração, como a execração o é da veneração. O horror está ligado a acontecimentos que é necessário nunca esquecer. Ele constitui a motivação ética última da história das vítimas” (RICOEUR, 1997, p. 325). Nessa percepção, o papel da ficção é o de se dirigir a fatos “cuja

unicidade expressa é importante” (RICOEUR, 1997, p. 326). Assim, “a ficção dá olhos ao narrador horrorizado. Olhos para ver e para chorar” (RICOEUR, 1997, p. 327). Ela também se coloca a serviço do inesquecível, pois há “crimes que não se devam esquecer, vítimas cujo sofrimento peça menos vingança do que narrativa. Só a vontade de não esquecer pode fazer com que esses crimes não voltem nunca mais” (RICOEUR, 1997, p. 327). Desse modo, “quanto mais explicamos historicamente, mais ficamos indignados; quanto mais ficamos horrorizados, mais procuramos compreender” (RICOEUR, 1997, p. 326).

O fazer crer, saber e sentir na narrativa *Olga*

No ato comunicativo proposto no livro *Olga*, os sujeitos não estão presentes fisicamente, mas configuram-se por meio do texto impresso. Assim, Fernando Morais apresenta-se como EUc – sujeito comunicante –, pois escreve a história de Olga Benario. Ao conceber o seu texto, Morais o elabora imaginando um sujeito “ideal”, que irá seguir os percursos que propõe em sua obra e reconstruir as informações que nela coloca, trata-se do TUd – tu destinatário – do ato de comunicação proposto por Charaudeau (2012). Entretanto, o TUd não corresponde ao TUi – sujeito interpretante –, pois este é o sujeito real, o leitor, condicionado cultural e historicamente, que irá debruçar-se sobre as páginas do livro e construir a sua significação. Por sua vez, o TUi também elabora uma imagem, a partir dos recursos empregados na narrativa, do EUc, trata-se do EUe – eu enunciador –, que equivale a um autor “ideal” imaginado pelo TUi.

Assim, Fernando Morais, EUc, e o leitor efetivo da obra, TUi, configuram-se como os sujeitos reais do ato comunicativo. Já a imagem de leitor imaginada por Morais no ato de escrita, TUd, e a imagem de autor formulada pelo leitor no processo de leitura e interpretação, EUe, são os seres de fala envolvidos no ato de linguagem. A partir do preenchimento dos sujeitos envolvidos no ato de fala, elaborado por Charaudeau (2012), tem-se explicitada a condição de identidade dos dados externos da situação de comunicação proposta por Charaudeau (2006). Essa condição visa a responder à pergunta “quem fala a quem”, ou seja, elucidar os sujeitos envolvidos no ato de linguagem.

Na “Apresentação à 1ª Edição” de *Olga*, o EUc, Fernando Morais, revela do que se trata a obra que havia concebido.

A história que você vai ler agora relata fatos que aconteceram exatamente como estão descritos neste livro: a vida de Olga Benario Prestes, uma história que me fascina e atormenta desde a adolescência, quando ouvia meu pai referir-se a Filinto Müller como o homem que tinha dado a Hitler, ‘de

presente', a mulher de Luís Carlos Prestes, uma judia comunista que estava grávida de sete meses. Perseguido por essa imagem, decidi que algum dia escreveria sobre Olga, projeto que guardei com avareza durante os anos do terrorismo de Estado no Brasil, quando seria inimaginável que uma história como esta passasse incólume pela censura (MORAIS, 2008, p. 9).

A partir das considerações do autor, nota-se que o desejo de escrever sobre a vida de Olga vinha sendo alimentado há bastante tempo, foi incutido pelo pai na juventude e acompanhou o autor na vida adulta, quando foi postergado em decorrência da ditadura civil-militar vigente no Brasil e pelo receio das reprimendas e censuras que uma obra sobre uma mulher comunista poderiam despertar. Assim, quando Morais explica um pouco de seu desejo de escrita e afirma ao leitor que ele irá encontrar a história da vida de Olga Benario, “exatamente” como ela aconteceu, tem-se respondida à questão levantada por Charaudeau (2006) “do que se trata?” da condição de propósito do ato comunicativo.

Na “Apresentação”, também, Morais indica o período de investigação, iniciado em 1982, e de concepção da obra, que culmina na publicação em 1985. Essas informações apresentam pistas sobre o ambiente em que se deu a concepção e a recepção da obra. Para que pudesse publicar sua narrativa como a havia elaborado, com detalhes obscuros das relações políticas entre Brasil e Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial – por meio da transcrição integral de correspondências entre embaixadas –, com descrições de torturas realizadas em presos envolvidos na revolução comunista, Morais aguardou um regime de liberdade. Nesse sentido, *Olga* foi recebido pelos leitores, pela primeira vez, em um Brasil que engatinhava em uma democracia e continua a ser lido, recebido, mais de três décadas após o seu lançamento.

A partir de tais observações, é possível estabelecer os dados da condição de dispositivo dos dados externos da situação de comunicação. Os ambientes, em que a obra de Fernando Morais está inscrita, correspondem à época da ditadura civil-militar, que postergou a publicação da narrativa e que teria limitado seu conteúdo, e ao período desde então em que a obra foi, continuamente, lida por diversos leitores. Um dos fatores que possibilita a recepção fora do contexto de origem é o canal de transmissão utilizado, o livro, que rompe a barreira do tempo e continua a chegar, hoje inclusive digitalmente, aos leitores.

Para atingir seus leitores, intuito da escrita de uma obra, Morais se vale de diferentes tipos de visadas da condição de finalidade proposta por Charaudeau (2006). Para incorporar o leitor à sua intencionalidade, inicialmente, o escritor utiliza a visada incitativa, que pretende fazer com que o leitor creia no ato comunicativo que propõe. Para isso, já na “Apresentação”,

Fernando Morais (2008, p. 9, grifo meu) atesta a credibilidade e a fidedignidade de sua produção “A história que você vai ler agora relata fatos que aconteceram **exatamente** como estão descritos neste livro [...]”.

Entretanto, se o advérbio “exatamente”, empregado pelo autor, poderia despertar dúvidas nos leitores mais críticos, Morais reitera, mais uma vez, a sua imparcialidade no ato de escrita.

Este livro não é **minha versão** sobre a vida de Olga Benário ou sobre a revolta comunista de 1935, mas aquela que acredito ser a **versão real** desses episódios. Não vai impressa aqui uma só informação que não tenha sido submetida ao crivo possível da confirmação. Qualquer incorreção que for localizada ao longo desta história, entretanto, deve ser debitada exclusivamente à minha impossibilidade de confrontá-la com versões diferentes (MORAIS, 2008, p. 15, grifos do autor).

Ao afirmar que a história que conta não é a sua versão dos fatos, mas a que acredita ser a versão de como eles realmente aconteceram, pois tentou confirmar todas as informações que coletou, Morais atesta ter percorrido um percurso de pesquisa e de confrontamento de dados para chegar ao cerne dos acontecimentos e não incorrer em uma informação errada ou equivocada.

Para que o leitor acredite, para além das afirmações do escritor, na fidelidade da reconstrução narrativa da vida de Olga Benário, Morais expõe as dificuldades de encontrar informações sobre a militante comunista.

Logo que iniciei a investigação para escrever este livro, em 1982, percebi que as dificuldades para recompor o retrato de Olga seriam muito maiores do que supunha. No Brasil não havia praticamente nada sobre ela – e surpreendi-me ao descobrir que até mesmo a historiografia oficial do movimento operário brasileiro, produzida por partidos ou pesquisadores marxistas, relegaram invariavelmente a ela o papel subalterno de ‘mulher de Prestes’ – e nada mais do que isso (MORAIS, 2008, p. 9).

Nesse ponto, ao iniciar sua busca por registros da vida de Olga, Morais adota uma postura de historiador, pois, conforme Keith Jenkins (2009), traz à tona o passado por meio de vestígios. O escritor, mantendo o intuito de fazer o seu leitor crer na veracidade de sua história, demonstra o trabalho laborioso que empreendeu para recuperar os vestígios da vida dessa mulher alemã, judia e comunista.

Para isso, Morais procedeu a buscas e consultas a arquivos e a documentos sobre Olga e sobre os desdobramentos da revolução comunista no Brasil. Surpreendentemente, grande parte desses papéis foi encontrada no exterior.

De Berlim parti para Milão, onde dediquei tempo integral no Archivio Storicodel Movimento Operaio Brasileiro [...], no qual está depositada boa parte da memória operária e comunista brasileira. As entrevistas e investigações feitas na Europa e no Brasil remetiam-se a outros endereços: o National Archives e os arquivos do Departamento de Estado, em Washington – e o primeiro recesso parlamentar disponível foi dedicado às pesquisas nos Estados Unidos. [...] fiz um fascinante mergulho na papelada que me custou a modesta quantia de cinquenta centavos de dólar cada cópia xerográfica: além de incontáveis documentos secretos referentes à vida de minhas personagens, havia material abundante sobre a repressão à revolta comunista de 1935 no Brasil. Ironicamente eu iria encontrar, no coração de Washington, relatos copiosos sobre as torturas infligidas pela polícia brasileira ao dirigente comunista alemão Arthur Ewert, pistas indiscutíveis sobre a ação de espíões na direção do Partido Comunista brasileiro e detalhes sobre o desmantelamento da revolta de 1935 – tudo isso escrito por um agente do governo norte-americano. Para meu espanto, pude ver depositados em Washington (e disponíveis a cinquenta cents) documentos internos do Partido Comunista brasileiro desconhecidos aqui e que tinham sido misteriosamente baldeados para os Estados Unidos (MORAIS, 2008, p. 12).

Além das pesquisas documentais, Morais valeu-se do recurso das entrevistas.

Os poucos sobreviventes que testemunharam sua saga – na Alemanha e no Brasil – eram, no mínimo, octogenários, nem todos com memória ou condições de saúde para desenterrar detalhes de episódios acontecidos meio século antes.

Minha primeira e óbvia investida foi sobre Luís Carlos Prestes. [...] Dono de uma memória prodigiosa, Prestes foi capaz de reviver com precisão a hora de um embarque ou as exatas palavras de um diálogo ocorrido há cinquenta anos. Foram poucos os casos de informações dadas por ele que, verificadas em processos e documentos oficiais da época, resultaram incorretos (MORAIS, 2008, p. 9-10).

Em seguida, Morais afirma ter realizado uma viagem para a República Democrática Alemã (RDA), onde encontrou informações valiosas para a reconstrução da vida de Olga, “[...] entrevistei creio que todos os velhos militantes ainda vivos que tinham convivido com Olga na Juventude Comunista, nos anos 1920 e, uma década depois, nas prisões e campos de concentração nazistas” (MORAIS, 2008, p. 10).

Por meio desses processos, afirmação da seriedade de sua obra e da descrição da busca por informações sobre a vida de Olga em entrevistas e documentos, Morais expõe, por meio de uma visada incitativa, os elementos para que o leitor acredite no seu ato comunicativo, para que tome como verdadeiras as informações que emprega em sua história. Entretanto, algumas de suas fontes permitem a instauração de dúvidas quanto à veracidade de alguns acontecimentos e tornam necessário o preenchimento de lacunas.

Na descrição das entrevistas, Morais ressalta, principalmente, a idade de seus entrevistados, muitos deles octogenários, e afirma que a memória e a saúde de alguns não apresentavam as melhores condições para rememorar fatos acontecidos há tanto tempo. Até mesmo Prestes, uma das principais fontes do autor e descrito como dono de uma “memória prodigiosa”, contou fatos que não se comprovaram verdadeiros quando confrontados com documentos. Nesse sentido, entra em cena o processo de preenchimento de lacunas, como afirma Morais (2008, p. 15), “as raras passagens deste livro que foi necessária a recriação referem-se sempre a cenários de determinados fatos – nunca a fatos em si. E, ainda assim, a recriação se deu a partir de depoimentos de testemunhas”.

Esse processo de preenchimento de lacunas traz à tona uma outra função do historiador destacada por Jenkins (2009), a de interpretador, pois, como também é demonstrado por Morais na descrição de suas investigações, nunca é possível recuperar o passado em sua totalidade. Assim, conforme Jenkins (2009), por mais que esteja apoiada em vestígios, a história escrita, por Fernando Morais ou qualquer outro historiador, é um constructo pessoal, porque o autor incute nela suas perspectivas.

Assim, o preenchimento de lacunas, como Morais revela na “Apresentação”, está ligado a situações em que não foi possível recuperar com fidedignidade a totalidade dos acontecimentos. Na narrativa, esses espaços referem-se às descrições e aos diálogos como o do trecho a seguir:

Ela não tinha um minuto para Otto. Quando, certa noite, este contou-lhe que terminara todos os exames médicos e sugeriu que partissem imediatamente para as férias, ela o surpreendeu com uma recusa:

– Acho que você terá que ir sozinho. O trabalho no KIM está absorvendo todo o meu tempo e nesse momento não posso e nem quero sair de Moscou.

Para espanto de Olga, Otto reagiu com uma explosiva crise de ciúmes. Revoltada, ela repetiu, uma vez mais, que não seria jamais propriedade de quem quer que fosse. Ele esbravejava, querendo saber de que país era o jovem que certamente estava virando a cabeça dela. Enfurecida, antes de sair e bater a porta com violência, ela apontou debochadamente para o pequeno busto de Lênin sobre uma mesinha, e disse apenas:

- Seu tolo! O jovem que te provoca essa ciúmeira é russo mesmo, e já está morto. É esse aí...

Sempre que reapareciam os acessos de ciúme de Otto, Olga saía para caminhar sozinha pelas ruas de Moscou, com saudades do começo do namoro, em Munique e Berlim (MORAIS, 2008, p. 52-53).

Na cena descrita, no processo de reconstituição dos fatos, Morais, como apontado por Priore (2009), tenta imaginar uma situação do passado como se a tivesse visto. Nesse processo,

conforme Priore (2009), ocorre um cruzamento entre imaginação e literatura, pois Morais, valendo-se do recurso da narrativa, recria a cena como se a tivesse presenciado, acrescentando detalhes que não pode comprovar por meio de vestígios concretos, como a reação exacerbada de Otto, o ato de Olga de bater a porta com violência e os seus pensamentos que indicavam a saudade do início do namoro em Munique e Berlim. Esses elementos demonstram, segundo Priore (2009), que não é possível contar algo sem o auxílio da narrativa.

Em outros momentos da história, é possível perceber o posicionamento de Morais, suas perspectivas perante o que aconteceu, por meio da narração ao adjetivar e descrever, por exemplo, personagens e situações. Seguindo esse pressuposto, os trechos que carregam a caracterização de Olga são bons exemplos da interferência de posicionamentos do escritor na narrativa. Logo no início da história, no assalto à prisão de Moabit, Olga, inicialmente não nomeada, surge como uma personagem contraditória ao unir, em sua descrição, elementos essencialmente femininos, como a beleza, e masculinos, como a bravura que, por muito tempo, esteve ligada à caracterização de homens. Essas circunstâncias ficam evidentes no seguinte trecho: “Virou a cabeça e viu uma pistola negra apontada contra seu rosto por uma linda moça de cabelos escuros e olhos azuis, que exigiu com voz firme [...]” (MORAIS, 2008, p. 17).

Na sequência da história, descobre-se que a jovem do excerto é Olga Benario, filha de um advogado social-democrata e de uma dama da alta sociedade alemã, e são apresentadas as circunstâncias de sua entrada na Juventude Comunista.

Foi no verão de 1923, em Munique, sua cidade natal, poucos meses depois de seu 15º aniversário. A juventude Comunista havia sido proibida pela polícia e entrara na clandestinidade. Seus militantes, adolescentes de no máximo dezoito anos, resolveram então criar o Grupo Schwabing, que se reunia uma vez por semana numa velha serraria nos subúrbios da capital da Baviera. Certa tarde, a reunião é interrompida por barulhos suspeitos do lado de fora. Os encarregados da segurança saem, temendo a chegada da polícia, e deparam com a jovem magrela, alta, de trancinhas escuras, pedindo para fazer parte do Schwabing. Convidada a entrar na serraria, Olga é submetida a uma sabatina pelos líderes do grupo. Quando indagam seu endereço e o nome dos pais, ela responde:

– Sou filha do advogado Leo Benario. Mas não tenho culpa disso.
[...]. Para os jovens comunistas do Schwabing, filhos de operários, aquela era uma presença inusitada: nunca, até então, um jovem da burguesia bávara tinha batido às suas portas para pedir filiação (MORAIS, 2008, p. 29).

Mais uma vez, é reforçado o caráter contraditório da personagem. Olga, uma adolescente, membro da burguesia bávara por nascença, busca filiação em uma organização comunista considerada clandestina perante as leis alemãs. Esse caráter transgressor e destemido

de Olga é construído e continuamente reforçado ao longo da narrativa, ao passar por treinamento militar na URSS, ao defender Prestes com a própria vida no momento de suas prisões, ao lecionar para suas companheiras de dormitório, em um campo de concentração, ou, nas palavras de companheiros da Juventude Comunista, a seu respeito: “Medo e prudência são palavras que ela não conhece” (MORAIS, 2008, p. 31).

Assim, apesar de infringir regras, é possível perceber que Moraes deseja atribuir uma descrição essencialmente positiva à personagem, pois ela parece sempre agir de acordo com os seus princípios e em prol de um bem maior, arriscando, para isso, sempre que necessário, a própria vida. Também são percebidas nuances do posicionamento do escritor ao tratar de questões relacionadas à política.

Investido de poderes absolutos, o chefe de polícia do Distrito Federal, capitão Filinto Müller, proíbe o porte de armas no Rio de Janeiro e estabelece que ninguém pode sair da cidade sem autorização e salvo-conduto da Delegacia Especial de Ordem Social e Política, chefiada por um homem de sua absoluta confiança, o também capitão Emílio Romano. As fichas de ‘extremistas’, anarquistas, comunistas, socialistas, trotskistas e membros ou meros simpatizantes da Aliança Nacional Libertadora são transformadas em mandados de prisão. [...]. Em poucos dias já se sabe que ‘ir para o morro de Santo Antônio’ significa ser submetido às mais brutais formas de tortura. [...]. Contra os suspeitos de ideias extremistas, mas que não as colocaram em prática, Filinto impõe uma pena mais branda: a perda do emprego. [...]. A voragem da repressão é grande [...]. No final do mês, milhares de pessoas haviam sido presas em todo o país [...]. O combate aos comunistas ganha adeptos importantes: as investigações passam a contar com a colaboração de agentes do serviço secreto britânico, o Intelligence Service, e, comenta-se abertamente entre os policiais cariocas, da assustadora Geheime Staatsoilizei, a Gestapo nazista. [...]. O Natal encontra um Brasil transformado em campo de batalha, imerso no terror (MORAIS, 2008, p. 114-115).

A partir do trecho, ao empregar adjetivos como “brutais” e “assustadora”, referindo-se, respectivamente, às torturas e à Gestapo, Moraes demonstra, por meio do narrador, seu posicionamento crítico e de desacordo com as atitudes tomadas pela polícia e a política brasileiras. E, a partir da descrição do Natal, época marcada pela paz e pela união, como um período de “imenso horror”, que se assemelhava a um campo de batalha, é inculcada a desaprovação em relação à perseguição violenta que era alimentada no Brasil pelo governo.

Nesse mesmo excerto, também é possível encontrar marcas da visada informativa da condição de finalidade. Ao expor dados como, por exemplo, o capitão nomeado para o cargo de chefe da Delegacia Especial de Ordem Social e Política, Emílio Romano, Moraes pretende fazer o leitor saber, ou seja, informar dados que supõe desconhecidos ao leitor.

Em diversos momentos da história, portanto, é empregado esse recurso para conceder fidedignidade à reprodução do contexto da época e para apresentar dados que provavelmente o leitor não tenha conhecimento. A visada informativa manifesta-se, assim, majoritariamente, por meio de informações históricas inseridas no corpo da narrativa ou através de “vestígios do passado”, cartas e jornais. No excerto a seguir, tem-se o exemplo de uma correspondência do embaixador brasileiro em Berlim.

Senhor Ministro: Em aditamento ao meu ofício nr. 136, de 16 do corrente mês, enviei a Vossa Excelência no dia 21 deste mês o telegrama de nr. 40 resumindo uma série de informações que me foram prestadas em caráter estritamente confidencial pelo serviço secreto alemão. O referido serviço, ao me fornecer os aludidos dados, mais uma vez pediu que fizesse notar sobre a inconveniência de ser aí divulgada a origem das comunicações feitas em caráter absolutamente confidencial [...]. As fichas de identificação de Harry Berger, [...] foram publicadas pela maioria dos jornais do Rio de Janeiro e de diversos Estados, com a menção de terem sido fornecidas pela polícia alemã. [...] Respeitosamente devo insistir, a pedido das autoridades da Gestapo, a fim de que no futuro esse fato seja evitado.

[...] Tenho procurado exercer uma severa vigilância no serviço de vistos em passaportes de viajantes que se destinem a portos brasileiros. Na maioria esses indivíduos são judeus e se apresentam como turistas exibindo passagens de primeira classe e certificados bancários, quase todos concedidos pelo Iwria Bank, desta capital. [...] É estranhável que certos indivíduos, mesmo sendo sapateiros, alfaiates, marceneiros etc. se instalam genericamente comerciantes e pretendam ser considerados como turistas, e embora exibam passagens de ida e volta não consta que nenhum deles tenha regressado do Brasil.

Nessas condições tratei de saber exatamente detalhes sobre o Iwria Bank, e pela investigação procedida posso afirmar que se trata de um banco israelita bastante suspeito, pois parece se ocupar principalmente dos interesses financeiros dos proprietários e profissionais israelitas que aqui ainda residem. Não há dúvida que esse banco tem agido ilegalmente, facilitando a evasão de capitais de judeus para o estrangeiro, e há fundada suposição de que também opere no sentido de transferir dinheiro para a propaganda comunista, principalmente na Tchecoslováquia e possivelmente para outros países. Nessas condições, determinei e espero merecer aprovação de Vossa Excelência para que nosso Departamento Consular não mais aceite garantias bancárias daquele estabelecimento. [...].

Moniz de Aragão” (MORAIS, 2008, p. 174-179).

A partir da transcrição da carta do embaixador brasileiro Moniz de Aragão, toma-se conhecimento de que o governo brasileiro, por meio de funcionários do alto escalão, travava relações com organizações da Alemanha nazista, como a Gestapo. Também é possível identificar um posicionamento preconceituoso e antissemita por parte do embaixador ao pedir permissão para recusar garantias financeiras de judeus provenientes de um banco israelita e por mostrar-se relutante em conceder vistos a pessoas pertencentes à religião judaica. Outro ponto

que se destaca é a menção ao comunismo, que é concebido como uma chaga que deve ser veementemente combatida.

Com a exposição de elementos como o antissemitismo e a repulsa ao comunismo, que refletem o posicionamento de muitos indivíduos daquele período, seja na Alemanha ou no Brasil, é lançada luz sobre um explícito da sociedade brasileira e de diversos países da década de 30 e 40 do século XX. O autor propõe ao leitor, como apontado por Priore (2009), uma análise crítica do período histórico de sua narrativa, pois, quando opiniões que revelam preconceito são expressas abertamente sem receio de retaliações, nota-se que esses ideais estão fortemente difundidos no meio social.

Entretanto, toda situação também envolve um implícito. Como apontado por Priore (2009), na biografia, o implícito corresponde à capacidade do autor de unir, em uma única personagem, os elementos conflitantes da situação explícita. Em *Olga*, isso ocorre através da personagem homônima, como demonstra o vestígio histórico de uma notícia de jornal.

A tensão durou até o dia 28 de agosto, quando um recorte de jornal introduzido clandestinamente no presídio correu de mão em mão até chegar ao salão das mulheres, trazendo a temida notícia: O presidente da República assinou decreto na pasta da justiça expulsando do território nacional, por se ter constituído elemento nocivo aos interesses do país e perigosa à ordem pública a alemã Maria Bergner Vilar, que também usa os nomes de Frieda Wolf Behrendt, Olga Bergner, Olga Meireles, Eva Kruger, Maria Prestes e Olga Benario (MORAIS, 2008, p. 210).

Judia e comunista, Olga, grávida de sete meses de Luís Carlos Prestes e com o direito teoricamente garantido em lei de permanecer em território nacional por estar esperando um filho de cidadão brasileiro, é deportada de volta para a Alemanha nazista. Nesse sentido, ao possuir as duas características mais temíveis da época, ser judia e comunista, Olga incorpora em si as tensões de milhares de pessoas também condenadas pela sua religião e seus posicionamentos políticos e os conflitos de uma sociedade, que precisa encontrar culpados para as mazelas econômicas e sociais que a assolam.

Nesse ponto, quando a obra mergulha na estadia de Olga em um campo de concentração e quando, anteriormente, retratava as torturas sofridas por presos do levante comunista no Brasil, predomina, na obra de Fernando Morais, a visada *páthos* da condição de finalidade da situação de comunicação proposta por Charaudeau (2006). O intuito dessa visada é despertar no interlocutor um estado emocional (CHARAUDEAU, 2006).

Quando, então, são descritas as cenas de tortura realizadas no Morro de Santo Antônio pelos policiais brasileiros em presos da revolução comunista, estas podem despertar sensações negativas no leitor.

Enquanto diplomatas de agentes secretos esquadrihavam arquivos em vários pontos do mundo, Arthur Ewert e sua mulher Elise apanharam da polícia de Filinto Müller durante uma semana, sem que lhes fosse dirigida uma só pergunta. As equipes e os métodos variavam a cada par de horas – e ninguém perguntava nada, nem mesmo os seus nomes. A polícia queria primeiro quebrar o moral dos presos, para depois começar os interrogatórios. Isolados na prisão do morro de Santo Antônio, Ewert e Sabo resistiram milagrosamente à violência de policiais alemães e brasileiros que se revezavam incessantemente. Ele estava com o corpo coberto de hematomas produzidos por surras de cassetetes de borracha, a mão esquerda ainda inchada pelo golpe aplicado com o quebra-nozes, o ânus e o pênis machucados por choques elétricos e objetos introduzidos durante as sessões de tortura. Sabo tinha as costas, os seios e as pernas cobertas por minúsculas queimaduras feitas com pontas de cigarros e lanhos por todo o corpo, deixados pelas chibatadas que lhe aplicava um jovem policial alemão (MORAIS, 2008, p. 124).

O narrador, ao contar as barbáries perpetradas em uma casa prisional brasileira, oferece, como aponta Ricoeur (1997), os olhos para o leitor ver e chorar com o horror que o ser humano é capaz de praticar com o seu semelhante. Assim, acompanhando a narrativa, o leitor vai se horrorizando com a descrição da crueldade que traz à tona os vestígios de um período sombrio da história brasileira.

A história elaborada por Moraes continua a horrorizar quando aborda os procedimentos médicos experimentais realizados nos campos de concentração.

Aos homens estava reservada outra contribuição às ‘experiências genéticas’ dos médicos nazistas: alguns presos tinham os testículos expostos aos efeitos de raios X durante vinte a trinta minutos e depois retornavam ao trabalho. Duas semanas depois eram chamados de volta à enfermaria, onde lhes extraíam os testículos para observação. Depois, um dos médicos ‘concedia-lhe a morte por clemência’, conforme mandava a lei de Hitler. A insânia não tinha limites. Um grupo de ortopedistas de Berlim viajou a Ravensbrück especialmente para escolher entre as mulheres do campo algumas cobaias para experiências de transplante de membros ou de ossos: uma perna, um braço ou uma clavícula era retirada do corpo de uma mulher e implantada em outra, com a mera finalidade de se observar o grau de rejeição acusado. A doadora compulsória era eliminada imediatamente após a cirurgia. A receptora, se tivesse sorte, sobreviveria mais algumas semanas. Ravensbrück tinha sido transformado num laboratório de monstruosidades semelhante ao campo de Auschwitz, na Polônia, onde as experiências eram conduzidas pelo dr. Josef Mengele (MORAIS, 2008, p. 283).

A descrição de tais monstruosidades pode horrorizar o leitor e fazê-lo sentir repulsa em relação aos mandantes de tais atos; pode, também, suscitar a piedade do leitor pelas vítimas e

pelo sofrimento por que passaram. Apesar dessa e de tantas outras descrições sugerirem sentimentos perturbadores no leitor, o clímax emocional da história é, provavelmente, o momento em que Olga é selecionada para ir a outro “campo de concentração” e tem a consciência de que irá morrer.

Logo no começo de fevereiro de 1942, pouco antes do dia em que Olga completaria 34 anos, as mulheres foram reunidas no pátio central de Revensbrück para ouvir dos alto-falantes do campo a relação das duzentas prisioneiras que na manhã seguinte seriam ‘transferidas para outros campos de concentração’. As mulheres eram chamadas em ordem alfabética e não pelos números – e as que tivessem sido selecionadas deveriam afastar-se do grupo e formar novamente um outro bloco, ao lado. Já haviam sido chamadas mais de 150 quando o nome ecoou:

- Olga Benario Prestes!

[...] Ao entrar no bloco 11 para pegar sua trouxa, Olga encontrou duas velhinhas judias em prantos, curvadas e rezando em iídiche. [...].

- Não chorem, nós vamos apenas mudar para outro campo, onde a vida certamente será melhor. A guerra vai chegar logo ao fim, os nazistas serão derrotados, nós vamos ter paz dentro de pouco tempo. Fiquem tranquilas e firmes, nós vamos comemorar a paz juntas.

[...]

- As prisioneiras relacionadas na chamada de hoje têm trinta minutos para recolher seus pertences e se apresentar à oficial, junto aos ônibus.

Meia hora: tempo suficiente para escrever uma carta à filha e ao marido (MORAIS, 2008, p. 286-287).

A ciência de que está sendo enviada para ser morta fica explícita na última carta que escreve ao marido e à filha.

Queridos:

Amanhã vou precisar de toda a minha força e de toda a minha vontade. Por isso, não posso pensar nas coisas que me torturam o coração, que são mais caras que a minha própria vida. E por isso me despeço de vocês agora. É totalmente impossível para mim imaginar, filha querida, que não voltarei a ver-te, que nunca mais voltarei a estreitar-te em meus braços ansiosos. [...].

Querida Anita, meu querido marido, meu Garoto: choro debaixo das mantas para que ninguém me ouça, pois parece que hoje as forças não conseguem alcançar-me para suportar algo tão terrível. [...]. Quero que me entendam bem: preparar-me para a morte não significa que me renda, mas sim saber fazer-lhe frente quando ela chegar. Mas, no entanto, podem ainda acontecer tantas coisas... Até o último momento manter-me-ei firme e com vontade de viver. Agora vou dormir para ser mais forte amanhã. Beijo-os pela última vez.

Olga (MORAIS, 2008, p. 296-298).

Entre tantas atrocidades, provavelmente o ato mais horrendo realizado pelos nazistas tenha sido o assassinato em massa de judeus, comunistas, ciganos e homossexuais em câmaras de gás. Nesse ponto da história, quando Olga vivencia o desfecho de sua vida, ocorre uma união bastante fecunda entre história e literatura. Por meio do preenchimento de lacunas, Morais foi

capaz de imaginar os últimos diálogos de Olga e os seus instantes finais em Revensbrück, e por meio de um vestígio histórico, a carta de despedida de Olga, a parte histórica da narrativa é destacada.

Assim, a proximidade entre a literatura e a história, por meio da narrativa de *Olga*, abre espaço para o *tremendum horrendum* proposto por Ricoeur (1997). Ao expor o horror de algumas situações e épocas, como a violência dos policiais brasileiros e as atrocidades dos campos de concentração alemães, pretende-se, consoante Ricoeur (1997), que essas circunstâncias não sejam esquecidas, pois, ao recontar, reavivar períodos obscuros, busca-se compreendê-los, e, ao compreendê-los, espera-se que jamais se repitam.

Considerações finais

A partir do percurso de análise desenvolvido, foi possível perceber que se destacam, em *Olga* de Fernando Morais, as visadas incitativa, informativa e de *páthos* da condição de finalidade do ato de comunicação proposto por Charaudeau (2006). Na “Apresentação”, prevalece o “fazer crer”, pois Morais, a partir da descrição dos procedimentos desenvolvidos para recuperar com fidedignidade a vida de Olga Benario, leva o leitor a acreditar que a história que irá ler é verídica por estar fortemente apoiada em vestígios do passado. Nesse processo de reconstituição do que aconteceu, Fernando Morais desempenha um papel de historiador, porque, conforme Jenkins (2009), interpreta o que escreve e acrescenta pistas sobre o seu posicionamento político e ideológico, revelando que a história também é um constructo pessoal.

Na narrativa, o “fazer saber” aparece inscrito no corpo da história através de informações e de vestígios do passado, como cartas e recortes de jornais. Ao fornecer dados que talvez o leitor não tenha, Morais lança luzes sobre um explícito, a sociedade, e um implícito da história, as tensões e os conflitos centrados em um indivíduo, como proposto por Priore (2009). Ligada à visada informativa, está o “fazer sentir”, que, na obra, está intimamente relacionado ao despertar de sensações negativas por meio da descrição de atrocidades praticadas no Brasil, pela polícia, e na Alemanha, em campos de concentração. Ao reavivar essas situações de horror, pretende-se provocar comoção e indignação no leitor e, ao expor a brutalidade de algumas situações da década de 30 e 40 do século XX, espera-se que esses acontecimentos não sejam esquecidos e que também não se repitam, como destaca Ricoeur (1997).

A escolha de uma história que traz à tona o *tremendum horrendum*, cunhado por Ricoeur (1997), também acaba por apresentar pistas sobre os sujeitos envolvidos na situação de comunicação, proposto por Charaudeau (2012). Fernando Morais, EUc, provavelmente, concebe a sua história a um TUd, leitor ideal, que está interessado em saber mais a respeito da vida de Olga Benario e que, assim como o escritor, está disposto a conceber Olga como uma espécie de heroína que lutou pelos seus ideais. Já o TUi, o leitor real, formula uma imagem de EUe, a partir da narrativa, como a de um sujeito simpatizante dos ideais marxistas, porque, através de pistas linguísticas que permeiam a história, considera justa uma luta por direitos mais igualitários, e como a de um admirador de Olga Benario, pois a descrição da personagem é essencialmente positiva. Assim, nota-se que a obra prefigura seu público, espera ser lida por indivíduos capazes de se comover e de se horrorizar com a história de Olga, militante comunista e judia, que foi assassinada em uma câmara de gás pelo regime nazista.

REFERÊNCIAS

- CHARAUDEAU, Patrick. Problemas na análise do discurso. In: CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: modos de organização*. Tradução de Angela M. S. Corrêa e Ida Lúcia Machado. São Paulo: Contexto, 2012. p. 15-42.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. Tradução de Angela M.S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006.
- JENKINS, Keith. O que é história? In: JENKINS, Keith. *A História repensada*. Tradução de Mario Vilela. São Paulo: Contexto, 2009. p. 23-52.
- MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos da metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 2017. Disponível em: <<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788597010770/cfi/6/26!/4/42/4@0:98.3>>. Acesso em: 21 maio.2019.
- MORAIS, Fernando. *Olga*. São Paulo: Companhia de Letras, 2008.
- PRIORE, Mary Del. Biografia: quando o indivíduo encontra a história. *Topoi*, v. 10, n. 19, jul-dez. 2009, p. 7-16. Disponível em: http://www.revistatopoi.org/numeros_antteriores/topoi19/topoi%2019%20-%2001%20artigo%201.pdf. Acesso em: 11.jun. 2019.
- RICOEUR, Paul. O entrecruzamento da História e da ficção. In: _____. *Tempo e narrativa*. Tradução de Roberto Leal Ferreira. Tomo III. Campinas: Papyrus, 1997.

**Artigo recebido em agosto de 2019.
Artigo aceito em novembro de 2019.**